

OLHO AS COISAS QUE ME OLHAM: AS RELAÇÕES SOCIAIS NO PENSAMENTO DE EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO.

Tatiana de Lourdes Massaro¹, Edmundo Antônio Peggion. - Ciências Sociais - Departamento de Antropologia, Política e Filosofia - APF – Universidade Estadual Paulista - UNESP - Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara – FCL/AR.

O propósito deste estudo é analisar como é definida uma relação social no pensamento de Eduardo Viveiros de Castro partindo de sua mais recente obra publicada (Viveiros de Castro, 2002a). Nessa obra o autor atualiza, fixa, explica e desenvolve de maneira aprofundada uma síntese conceitual, construindo de forma mais ampla e relacional o conceito de PERSPECTIVISMO decorrente de reflexões anteriores expostas em duas publicações, essas substancialmente etnográficas e na articulação sistemática de reflexões realizadas por outros etnógrafos.

A intenção é pontuar um tipo de “bio-bibliografia” identificando os temas surgidos nos trabalhos etnográficos do autor e suas sistematizações conceituais mais recentes com base em diversas etnografias sobre povos indígenas realizadas por vários antropólogos. Além disso, o estudo pretende identificar também os principais interlocutores de Viveiros de Castro no cenário da antropologia contemporânea.

O diálogo estabelecido pelo autor entre a etnografia, a teoria antropológica e a filosofia são bases para o estabelecimento das relações que vai traçar antes de chegar ao conceito de perspectivismo. Além de sua própria reflexão, Viveiros de Castro elabora uma síntese teórica com base numa vasta produção etnográfica recente (algumas sob sua orientação, tais como Lima, 1995 - recém publicada pela Edunesp – Lima, 2005 e Lima, 1996) e também em um intenso debate teórico com Claude Lévi-Strauss e com alguns trabalhos contemporâneos (como Wagner, 1981 e Strathern, 1988).

O caminho trilhado pelo autor faz emergir a necessidade de revisitar as referidas leituras a fim de aproximar-se mais de sua obra, do conceito de PERSPECTIVISMO e da idéia de “relação” assim como da idéia de “social”. Dados os estudos preliminares para esse trabalho - o conceito de PONTO DE VISTA (PERSPECTIVISMO) - e as demais relações que surgem dele tornam mais visíveis a possível intersecção da influência etnográfica na obra que aqui se pretende estudar. A essa influência também se liga à filosofia e à antropologia contemporânea e demonstra o exercício inovador que o autor faz para se aproximar daquilo que se poderia chamar de “o pensamento indígena”.

Na Amazônia indígena existe uma indiferenciação entre humanos e animais, presente de forma clara nos mitos. Deste modo, animais e humanos impõe sobre o real as mesmas categorias e valores, vêem as coisas do mesmo modo, mas as coisas que eles vêem são outras. Esse modo vem, portanto, da perspectiva de onde está aquele que olha. A realidade é a mesma, no entanto as visões sobre essa mesma realidade variam. Essas diferenças de perspectivas não são ligadas ao corpo fisiológico, mas sim às afecções. Afecções, segundo o autor, são comportamentos que levam a um ponto de vista diferente do nosso cuja forma visível do corpo é um signo poderoso, o corpo é então um feixe de afecções. Entre os ameríndios há uma continuidade metafísica que resulta no animismo, animismo esse que em suma, atribui a animais características dos seres humanos e características sociais aos seres naturais, e existe uma descontinuidade física que resulta no PERSPECTIVISMO.

Existindo então, a possibilidade de existir pontos de vistas diferentes, Viveiros de Castro ressalta que seu foco não é o que toca a razão entre antropólogo e nativo, na medida em que esta seria a grande geradora de diferentes pontos de vista. Para ele, os índios pensam como nós, exatamente como nós, a diferença está nos conceitos que eles se dão e nas descrições que produzem, seu objeto são os conceitos indígenas, os mundos que eles constituem, o fundo virtual de onde procedem e que pressupõe (Viveiros de Castro, 2002b).

O conceito de PERSPECTIVISMO e a idéia de “social” surgem a partir de tais reflexões e de sínteses teóricas realizadas por Viveiros de Castro. No entanto para o autor, o perspectivismo não é relativismo, mas um relacionismo pelo qual se afirma que a relação é a verdade do relativo e é partindo dessa premissa que se pode já entender o que Eduardo Viveiros de Castro vai considerar: a idéia de relação. A relação que se verá será a que se estabelece entre antropólogo e nativo, não segundo as premissas da teoria clássica, mas partindo de idéias muito mais próximas da filosofia, para depois realizar a transposição para a antropologia.

Para Viveiros de Castro só a Antropologia pode assumir a presença virtual de Outrem, que é a condição de passagem de um mundo possível a outro porque permite a possibilidade e que “determina as posições derivadas e vicárias de sujeito e objeto” 2002b. Para o entendimento da idéia de perspectiva, a idéia de Outrem deleuzeana é fundamental (Deleuze, 2000). Ela terá grande importância ao jogo que Viveiros de Castro vai propor, uma vez que esse Outrem é a expressão de um mundo possível que deve ser atualizado por um Eu. Poderá haver, assim, uma explicação de um mundo possível explicado por mim e que Viveiros de Castro vai buscar na filosofia para trazer para a antropologia (Viveiros de Castro, 2002b). Esse Outrem não está no campo perceptível, ele é a possibilidade de outros mundos possíveis e outros pontos de vista. Assim se a idéia de outrem for destruída, a categoria do possível também desaparece e o mundo desmorona. O Eu é a aplicação desse implicado, atualização desse possível no jogo da linguagem. Trazer essas idéias filosóficas para o debate faz-se muito importante, uma vez que é através delas que se torna possível colocar no mesmo plano as idéias da Amazônia indígena e as nossas.

O antropólogo não será mais, portanto, aquele que diz quais são os conceitos ou as relações que o nativo estabelece, mas é aquele que questiona e investiga o que seu objeto entende por conceito ou relação. A antropologia, segundo Viveiros de Castro, tem ainda uma vaga idéia do que se dá como relação, assim também será vaga a idéia que o antropólogo tem do que se estabelece como relação social, ou ainda melhor, do que pode ser formulado pela relação entre antropólogo e nativo. Não se trata, então, de realizar uma interpretação do pensamento indígena, mas sim realizar uma experimentação com ele aonde dois pensamentos o nosso e o da Amazônia indígena se equivalem tornando o jogo proposto interessante e estranho. A concepção do jogo clássico leva o antropólogo a introduzir sorrateiramente sua vantagem: sabe mais que o nativo antes do início da partida, o nativo, nesse caso terá sua participação invalidada, será separada sua capacidade de alteração de sua alteridade. No jogo proposto envolve-se uma idéia de conhecimento antropológico que pressupõe que “(...) os procedimentos que caracterizam a investigação são conceitualmente da mesma ordem que os procedimentos investigados.”

Vale aqui ainda trazer a idéia de conceito para Viveiros de Castro. Esses são, portanto, eventos intelectuais que “passam” pela cabeça, mas nela não permanecem, são inventados. A partir dessa idéia, potencializa as idéias indígenas para um mundo filosófico, e assim, como já foi dito, consegue projetar as idéias do nativo para o mesmo plano que as nossas. Os conceitos são, portanto, relativos porque passam por um desconhecimento por parte do antropólogo uma vez que esse desconhece palavras, analogias, invenções vocabulares, tendo de haver um esforço imaginativo para realizar a explicação numa sinergia entre as concepções de práticas do mundo do sujeito e do objeto. Reconhecer esse esforço entre as sociedades é mais do que auxiliar é necessário para descrever as idéias e práticas indígenas como idéias do mundo (Viveiros de Castro, 2002b).

A fim de realizar tal estudo busca-se analisar e sistematizar as informações apresentadas pelo autor a partir de conceitos, relações e do diálogo que estabelece por meio de conexões entre os textos. Tratando-se de um estudo essencialmente teórico, a leitura efetiva da obra do autor faz-se extremamente importante assim com as obras às quais ele faz referência. Para tanto, será realizado o fichamento dessa bibliografia, além de uma sistematização dessas informações a fim de se analisar e compreender conceitos e relações apresentados pelo autor. Pretende-se criar um banco de dados no qual constará os diversos conceitos e suas respectivas trajetórias (cronológicas) na obra do autor. Concomitantemente às leituras, reuniões regulares serão realizadas junto ao orientador para apresentação e discussão das mesmas a fim de efetivar a realização da pesquisa.

Para esse estudo principalmente cinco trabalhos (1977, 1978, 1979, 1986 e 2002), os quatro primeiros etnografias sobre povos indígenas (os três primeiros trabalhos são sobre o povo Yawalapiti e o Xingu e o quarto sobre os Araweté, um povo Tupi). Já o quinto trabalho o livro *A inconstância da Alma Selvagem*, publicado em 2002, contém um balanço da produção intelectual do autor, será referência central no projeto e ponto focal de onde partirão as diversas reflexões e análise da obra de um autor que prima pelo rigor conceitual buscando compreender o que é uma relação social com a intenção estabelecer uma conexão entre as obras aqui já referidas de Eduardo Viveiros de Castro. Além das leituras será necessário acompanhar as contribuições e reflexões do autor divulgadas na rede mundial de computadores nas quais apresenta textos e artigos que dão continuidade à reflexão e à discussão da própria teoria do PERSPECTIVISMO.

Tais inquietações permanentemente tratadas por Eduardo Viveiros de Castro estão proporcionando uma verdadeira transformação na antropologia viva na teoria formulada. Em suas próprias palavras: “*Eu nada tenho contra os tranqüilizantes, mas quando se trata de pensamento, prefiro os inquietantes*”.

O PERSPECTIVISMO em Eduardo Viveiros de Castro lança idéias que, portanto, põe em cheque o jogo clássico e desafia a antropologia, pois o problema deixa de ser a busca em determinar quais são as relações sociais que constituem o objeto, mas de perguntar o que o objeto constitui como relação social, ou seja, o que é uma relação social passível de ser formulada na relação que se dá entre o ‘antropólogo’ e o ‘nativo’ (Viveiros de Castro, 2002b).

“O objeto da antropologia, assim, seria a variação das relações sociais. Não das relações sociais tomadas como uma província ontológica distinta, mas de todos os fenômenos possíveis enquanto relações sociais, enquanto implicam relações sociais: de todas as relações como sociais. Mas isso de uma perspectiva que não seja totalmente dominada pela doutrina ocidental das relações sociais; uma perspectiva, portanto, pronta a admitir que o tratamento de todas as relações como sociais pode levar a uma reconceitualização radical do que seja 'o social'.” (Viveiros de Castro, 2002b)

Referência bibliografia

- DELEUZE, Gilles. Michel Tournier e o mundo sem outrem. *A Lógica do sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LIMA, Tânia Stolze. *Um peixe olhou para mim. O povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo: UNESP/Instituto Socioambiental/NUTI, 2005.
- LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, (2) 2. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996.
- LIMA, Tania Stolze. A parte do Cauim: etnografia Juruna. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 1995.
- STRATHERN, Marilyn. *The gender of the gift.: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou os Limbos do Pacífico*. São Paulo: Difel, 1985.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Projeto AmaZone
(http://amazone.wikia.com/wiki/P%c3%a1gina_principal)

- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2002a.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Nativo Relativo. *Mana*. Estudos de Antropologia Social. Vol. 8, nº 1. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Contra Capa, abril de 2002b.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté. Os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Anpocs, 1986.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. Rio de Janeiro: *Boletim do Museu Nacional*, 1979.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Alguns aspectos do pensamento yawalapiti (Alto Xingu): classificações e transformações. Rio de Janeiro: *Boletim do Museu Nacional*, 1978.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Indivíduo e sociedade no Alto Xingu: os Yawalapiti. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS, 1977
- WAGNER, Roy. *The invention of culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

¹ A aluna é bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET - de Ciências Sociais. No entanto, tal bolsa não é referente a presente pesquisa de iniciação científica.